

D. JOÃO CAMELO, BISPO DE LAMEGO

Nuno Resende

Universidade do Porto/CITCEM

¹ Costa, M. Gonçalves da - *História do Bispado e Cidade de Lamego*. Lamego: [Diocese de Lamego], 1982, p. 11.

² Costa, M. Gonçalves da - *História do Bispado e Cidade de Lamego*. Lamego: [Diocese de Lamego], 1977, pp. 237-239.

³ Idem, *ibid.*, 1982, p. 11. O nome historiográfico utilizado tem sido o de João Camelo de Madureira, mas como se verá pelo presente estudo, é preferível que se use o nome mais comum documentado enquanto prelado: João Camelo. De facto a ligação aos Madureiras, conquanto se verifique familiarmente, não está comprovada. Antes de ascender às cátedras de Silves e Lamego o apelido de D. João era Álvares.

No episcopologio lamecense, D. João Camelo (1502-1513) sucede a D. Fernando Coutinho (1492-1502), homem da alta nobreza portuguesa e embaixador de D. João II ao Papa Alexandre VI. Formado em Florença, D. Fernando trouxe certamente consigo novas do espírito humanista em difusão pela Europa, muito embora M. Gonçalves da Costa, o principal historiador diocesano, o indique como o último bispo da medievalidade de Lamego¹. Faleceu em Silves, no decurso da sua segunda e última prelatura, para onde passou, por beneplácito régio, em 1502².

Sobre D. João Camelo poucas notícias se conhecem, ao contrário do seu antecessor, quer seja sobre a filiação, quer quanto ao seu *cursus honorum* e mesmo acerca dos seus apelidos: Camelo da Silva, Camelo Madureira, ou apenas Camelo? «Não se salvou qualquer documento autógráfo que nos elucidasse sobre o modo como assinava»³, escreveu M. Gonçalves da Costa, em 1982.

Conhecido por ter encomendado uma das obras de maior envergadura na pintura portuguesa da época moderna, o políptico da capela-mor da sé de Lamego, para além das escrituras respeitantes a tal obra⁴, que foram dadas à estampa em 1924, a historiografia da arte⁵ pouco nos esclarece sobre a sua origem geográfica e familiar e quanto ao percurso anterior à sua ordenação episcopal como bispo de Silves, em 1486. Mas, é a referência que lhe é dedicada ainda durante esta prelatura que nos permite traçar algumas linhas do seu perfil. Trata-se da extensa nota que lhe dedica Garcia de Resende, na «Chronica dos valerosos e insignes feitos Del Rey Dom Joao II», onde o cronista descreve o encontro e diálogo entre o monarca, moribundo, e o prelado:

«O bispo do Algarve Dom Joam Camelo que com elle estava sendo muyto bom homem, muy liberal e gastador era avido por mao clerigo e nunca dizia missa nem entendia en officios divinos, e el-rey o tinha disso reprehendido algũas vezes e era delle por yssso descontente; e estando nesta derradeira hora lhe disse: "Bispo, eu vou muy carregado de vós; por amor de mi vivey daqui avante bem e a serviço de Deos e dai-me vossa fee de o fazerdes assi"; e ho bispo lha deu, e elle lhe tomou a mão de ho cumprir»⁶.

Na obra de genealogia *Pedatura Lusitana*, trabalho setecentista do portuense Alão de Moraes, faz-se alusão ao momento, provavelmente ocorrido em Outubro de 1495, acrescentando-se:

⁴ Correia, Vergílio - *Vasco Fernandes: mestre do retábulo da sé de Lamego*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1924.

⁵ Seria inglório e desadequado para este trabalho fazer uma revisão da literatura que sobre Grão Vasco e, nomeadamente, a obra de Lamego tem sido escrito. Ressalvamos, apenas, dois trabalhos recentes: Rodrigues, Dalila - *Grão Vasco*. Lisboa: Aletheia Editores, 2007, e Ribeiro, Agostinho, coord. - *Além de Grão Vasco. Do Douro ao Mondego: a Pintura entre o Renascimento e a Contrarreforma*. Viseu: MGV/MNNA, 2016.

⁶ REZENDE, Garcia de - *Chronica Dos Valerosos E Insignes Feitos Del Rey Dom Joao II*. Lisboa: Por Antonio Alvarez Impressor, 1662, p. 127.

⁷ Cf. MORAIS, Cristóvão Alão de; VASCONCELOS, A.A.P.M.; CRUZ, A.; FREITAS, E.A.C., publ. de - *Pedatura Lusitana*. [Porto]: Livraria Fernando Machado, 1673 [ed. 1948], tomo IV, vol. 1, p. 297. F. Laranjo apresentou uma maqueta das armas que reproduzimos aqui, cf LARANJO, F. J. Cordeiro - «Escudos de armas dos bispos de Lamego». *Beira Alta*. Vol. 36, n.º 1 (1977), pp 109-144.

⁸ Idem, *ibid.*, p. 297. Felgueiras Gaio afirma que Catarina Álvares era filha do Prior de Grijó e este irmão de D. João Camelo «Bispo de Lamego que já o tinha sido do Algarve e Silves», cf. GAIO, Felgueiras Manuel José da Costa - *Nobiliário de famílias de Portugal* [Braga]: Agostinho de Azevedo Meirelles/Domingos de Araújo Affonso, 1938-1941, título de MADUREIRAS §1, N3.

«E promettendolho assi cõ as mãos dadas, vindo depois a ser Bpo. de Lamego tomou por empreza um escudo branco e vermelho cruz de ouro, E cõ ella os dous braços delRei e seu cõ as maos dadas no fundo do escudo huas com chamas ardendo, alludindo a fé q dera a ElRei de se emendar dali em diante E o fez de Modo q foi hu dos graves Prelados daquela Igr.a q enriqueceo cõ edificios retabolos, vidraças E outras obras em q pos a d.a empresa»⁷.

Esta importante informação o autor da *Pedatura* inclui-a na origem genealógica do bispo, os «Camellos de Vilar do Paraíso». Vilar do Paraíso é uma povoação no actual município de Gaia, quase à vista do Porto e não muito distante de Grijó⁸, com cujo mosteiro Alão de Moraes relaciona a família de D. João Camelo, dizendo-o filho de um dos seus priores.

De facto, em nota ao texto acima transcrito, refere-se que D. João Camelo («dizem») era irmão de Isabel Álvares, mulher de Fernão de Novais, e de Catarina de Madureira, mulher de Rui Pereira, «senhor de Fermedo», e de Catarina Álvares (sic), mulher de Luís Álvares Madureira, todos filhos de D. João Álvares de Madureira, prior de Grijó. A confusa indicação dos parentescos não contradiz a presença documentada destes indivíduos e dos seus apelidos entre os do patriciado quinhentista do Porto, como bem notou Pedro de Brito.

Este historiador das elites portuenses, embora considere pouco claras as relações familiares propostas na Pedatura, tomou-as para a elaboração da sua genealogia sobre os Madureiras, uma das mais poderosas famílias da região do Porto e Douro, com alguns dos seus membros ligados à Ordem dos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho, como intervenientes seculares e religiosos nos conventos de Grijó e Ancede⁹. E indica D. João Camelo como irmão de Catarina Álvares, mulher de Luís Álvares de Madureira, ambos filhos de D. João Álvares Prior de Grijó¹⁰.

Aires Gomes Fernandes confirma a presença de D. João Camelo (que na altura se assinava João Álvares), como prior de Grijó sucedendo a um homónimo (seu pai?), sobre quem escreve: «foi comendatário dos mosteiros de Roriz e S. Jorge de Coimbra, que viria igualmente a deter o mosteiro de Grijó e que seria eleito bispo de Silves, resignando entretanto ao priorado de Roriz em 1477, a favor do seu irmão Rodrigo Álvares»¹¹.

Num trabalho em curso, de transcrição e estudo de uma crónica de Grijó, do século XVII, há referência a ambos os priores de nome João Álvares e quanto ao segundo, uma nota curiosa que documenta o primeiro encontro entre D. João II e o futuro bispo de Silves e de Lamego. Tendo o monarca passado pelo mosteiro de Grijó a caminho da vila de Aveiro, em Janeiro de 1484, ali o «Prior Dom Joam Alvarez [o] agasalhou com grande

⁹ BRITO, Pedro - *Patriciado urbano quinhentista*. Porto: Arquivo Histórico/Câmara Municipal do Porto, 1997, p. 106-107.

¹⁰ Idem, *ibid.*, cf. quadro MADUREIRAS I.

¹¹ FERNANDES, Aires Gomes - *Os Cónegos Regrantes de Santo Agostinho no Norte de Portugal em Finais da Idade Média: dos Alvores de Trezentos à Congregação de Santa Cruz*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Tese de Doutoramento em Letras, área de História, na especialidade de História da Idade Média, p. 125. O autor remete para o seguinte trabalho: COSTA, António Domingues de Sousa, *O mosteiro de S. Salvador da vila de Grijó*, 1993, pp.78-79. Agradecemos esta indicação à Doutora Rosário Morujão.

¹² CRUZ, D. Marcos da — *Crónica do Mosteiro de São Salvador de Grijó*. Coordenação científica Marta Sofia Costa; Prefácio Luís Carlos Amaral; Leitura, transcrição, notas e índices Marta Sofia Costa e Nuno Gonçalo da Paula. (No prelo). Agradecemos esta indicação à Doutora Maria João Oliveira e Silva.

¹³ Cf. CORREIA, Vergílio, *op. cit.*

¹⁴ Este apontamento foi um dos que levantou discussão entre Vergílio Correia e José de Figueiredo. O segundo questionou o primeiro sobre a razão de tal identificação, que Vergílio Correia justificou na revista *Terra Portuguesa*, dando como exemplo os retratos na Batalha, descritos por Frei Luís de Sousa, cf. *Terra portuguesa: revista ilustrada de arqueologia artística e etnografia*, tomo V, n.º 39 (1924, Jul.), p. 60. Sem querermos entrar nesta discussão, não podemos deixar de assinalar que, a associarmos uma das personagens do quadro a D. João Camelo, o faríamos com o sacerdote à direita do hipotético Simeão, responsável pela circuncisão. Embora este ocupe o lugar central, é o homem de longas barbas, paramentado como bispo (com mitra e galero), que melhor parece adequar-se a alguém que, em 1506, já ocupara o lugar de prior de Grijó e duas catedras.

¹⁵ CORREIA, Vergílio - *Monumentos e esculturas (seculos XIII-XVI)*. Lisboa: Livraria Ferin, 1924, p. 106.

generosidade, e grandeza de mimos, que a terra dava (...)»¹². Deste encontro poderia ter surgido a oportunidade de ascender a prelado de Silves, algo que veio a acontecer dois anos depois, em 1486.

De resto, aos Camelos de Vilar do Paraíso e Madureiras do Porto ligavam-se os Figueiros, os Pintos, os Brandões e os Cirnes, conhecidos pela sua presença ou acção nas feitorias do norte da Europa e pela influência junto dos monarcas portugueses. Estas ligações podem também explicar a ascensão de D. João Camelo ao episcopado português e a sua proximidade a D. João II, que tanto estimou e protegeu as elites do Porto.

Foi o arqueólogo e historiador da arte Vergílio Correia (1888-1944) o primeiro a propor um perfil e até um retrato para D. João Camelo, entusiasmado pela descoberta das escrituras dos contratos da grande obra de renovação da catedral de Lamego¹³. Assinalou-lhe as hipotéticas armas e até a efígie, ambas registadas, segundo ele, pelo pintor Vasco Fernandes num dos painéis (o da Circuncisão)¹⁴ chegando a atribuir-lhe a encomenda de certos frescos na altura descobertos na igreja de Santiago de Valadares, em Baião¹⁵. Seguiram esta hipótese alguns

autores, mas como tivemos a oportunidade de refutar recentemente¹⁶, tratou-se da encomenda de um quase homónimo do bispo de Lamego, João Camelo de Sousa, referido pelos genealogistas como filho de Álvares Gonçalves Camelo, terceiro senhor de Baião¹⁷.

Embora Vergílio Correia inicie a fortuna crítica dos quadros remanescentes do políptico da catedral (hoje no Museu de Lamego) pelo relatório de 1888, destinado por Augusto Filipe Simões¹⁸ à Academia de Belas Artes de Lisboa, já dez anos antes no livro «Historia Ecclesiastica da cidade e Bispado de Lamego» se fazia menção ao «formoso retabulo na capella mór da sua Sé de Lamego e muitas obras, que existem, monumentos de sua [do bispo D. João Camelo] eximia piedade»¹⁹. Livro de autorias múltiplas (para já conhecidas as de D. Joaquim de Azevedo e de D. Manuel Agostinho Barreto), iniciado no século XVIII e continuado no século XIX resta saber quem, quando e como terá associado tais obras a D. João Camelo. Através de documentos, nos cartórios da Mitra ou do Cabido? Pela observação do emblema no quadro da Circuncisão, depois notado por Vergílio Correia? Não o sabemos.

Mas supomos que o texto do *Pedatura Lusitana* tenha contribuído para a elaboração da biografia do bispo na História Ecclesiástica, a mais completa a seu respeito no contexto da memorialística lamecense, onde se disserta

¹⁶ BOTELHO, Maria Leonor, & RESENDE, Nuno - «Igreja de São Tiago de Valadares: Baião». In MACHADO, R. Correia, coord. geral & ROSAS, Lúcia, coord. cient. (eds.), *Rota do Românico*. [s.l.]: Centro de Estudos do Românico e do Território, 2014, tomo 2, pp. 283-307.

¹⁷ GAIO, Felgueiras Manuel José da Costa - *op. cit.*, título de SOUSAS, § 70, N 18.

¹⁸ Cf. CORREIA, Vergílio - *Vasco Fernandes*, p. 23.

¹⁹ AZEVEDO, Joaquim, D. - *Historia Ecclesiastica da cidade e Bispado de Lamego*. Porto: [Typographia do Jornal do Porto], 1877, p. 70.

²⁰ «[...] e em lugar de suas armas de Camellos e Silvas, colocou a cruz e insígnias episcopales, e duas mãos a pegar uma na outra, que é symbolo e lembrança do que passou em Alvor, unidas as mãos do lº e do Bispo, quando a graça do Altissimo lhe penetrou o coração», cf. AZEVEDO, Joaquim, D., *op. cit.*, p. 70.

sobre as suas obras, as suas armas (ou, melhor, a sua empresa)²⁰ e sobre a sua origem familiar. A este respeito, o autor do verbete biográfico avisa que o bispo D. João não provém da família dos Madureiras, sendo assim designado, apenas, porque «uma sua sobrinha casou com Luiz Alvares de Madureira, dos principaes cavalleiros do Porto». Esta associação aos Madureiras portuenses é, contudo, um importante indício de que a origem destes dados esteve na consulta da referida obra genealógica.

Os contratos datados de 7 de Maio, 2 de Julho, 4 e 29 de Setembro de 1506 e os de 30 de abril, 14 de Junho de 1511 publicados em 1924 por Vergílio Correia são, entre os poucos documentos e testemunhos conhecidos, os mais importantes sobre o empenho de D. João Camelo na renovação da catedral lamecense, contribuindo para a mudança entre a espacialidade medieval e novo edifício gótico (obra que o seu sucessor fará continuar) e constituem, também, raras provas escritas que atestam a sua presença em Lamego, onde foi prelado durante 11 anos, entre 1502 e 1513.

A contratação de artistas de origem estrangeira para essa obra como João de Utreque, Arnao de Carvalho e Ângelo de Ravel, não estranham num contexto já explicado, o de quem tivera contacto com as famílias e negócios da florescente praça comercial do Porto para onde, no século XV, afluíam modos de fazer e gostos da

Flandres e regiões vizinhas. E a chamada do afamado Vasco Fernandes a Lamego, expressa o dever de deixar uma marca de modernidade, usando a pintura como expressão de poder, mas também sinal de fé, honrando dessa forma o seu compromisso perante D. João II como prelado já cuidadoso nas suas funções.

São, contudo, reduzidas e esparsas as notícias que colhemos de D. João Camelo nas obras memorialísticas diocesanas, geralmente encomiásticas. Para além da já citada *Historia Eclesiástica*, o autor da «*Memoria Chronologica dos Bispos de Lamego*»²¹, datada de 1789 dá-o como 28.º prelado da cátedra de Lamego, e assinala referências a duas sentenças com o nome de D. João Camelo, uma de 1509 e outra de 1510, provavelmente exaradas do cartório capitular, principal recurso do memorialista.

Manuel Gonçalves da Costa, na sua obra maior de 6 volumes (1877-1992), refere dois documentos, uma renovação no prazo da quinta da Póvoa²², em Piães (Cinfães), datada de 1 de Setembro de 1509 e um prazo, «lavrado em Trevões, a 21 de Julho de 1513»²³. Embora não cite a fonte, sabemos-los colhidos na *História Eclesiástica*, de 1878.

De certos documentos de Almacave, transcritos por Santa Rosa de Viterbo e referidos por Gonçalves da Costa,

²¹ FONSECA, João Mendes da - *Memoria chronologica dos excelentissimos prelados, que tem existido na cathedral desta cidade de Lamego [...]*. Lisboa: [Na Of. de Antonio Rodrigues Galhardo], 1789, pp. 87-88.

²² COSTA, M. Gonçalves da - *História da Cidade e Bispo de Lamego*. Lamego: [Diocese de Lamego], 1984, p. 396.

²³ COSTA, M. Gonçalves da - *História do Bispo e Cidade de Lamego*. Lamego: [Diocese de Lamego], 1982, p. 11.

²⁴ COSTA, M. Gonçalves da, *op. cit.*, p. 14.

²⁵ VITERBO, Joaquim de Santa Rosa de - *Elucidário*. Porto: Livraria Civilização, 1984, vol. 2, p. 518.

infere-se que o prelado teria adquirido certas casas no bairro do castelo de Lamego, «ao lado da igreja de S. Salvador, com quintal e laranjeira»²⁴, em 1515. Mas convém transcrever o texto de Viterbo:

«Entre os documentos de Almacave de Lamego se acha que o Ilustrissimo Bispo de Lamego D. João comprou humas casas no Castello, junto á Igreja do salvador com seu quintal que tinha huma laranjeira, por 20\$000 réis brancos, e por huma abbarrada de prata dourada, que pesava cinco marcos, e por 20 réis de tostõens, moeda hora corrente. Feito o instrumento no ano de 1515»²⁵.

Ora, fazendo fé neste documento, ainda que a sua origem não seja clara, D. João Camelo seria vivo em 1515, dois anos depois da chegada de D. Fernando Meneses Coutinho, que tomou posse da cátedra lamecense em 1513. M. Gonçalves da Costa aventa que o bispo, resignatário, teria comprado as moradas para viver nelas, mas não deixa de ser estranho que um outrora cortesão, duas vezes prelado, fosse morrer numas modestas casas com laranjeira a poucos metros do paço episcopal de Lamego.

O documento agora exarado, pergaminho de 1506 conservado provavelmente entre os descendentes ou familiares do indivíduo a que se refere, João Pinto, reitor da igreja de Santa Marinha de Real, é de suma

importância para documentar o tempo da prelatura lamecense do bispo D. João Camelo. Assim o confirmam a sua transcrição, estudo diplomático e de interpretação do selo apenso.

A respeito de João Pinto, conhecemos o que sobre ele refere Alão de Moraes: «Fidalgo capelão delRey, Abb.e de Real», irmão de Brites Pinta, abadessa de Tarouquela, ambos filhos de Fernão Pinto (criado da casa do Infante D. Fernando) e de D. Margarida Fernandes²⁶.

O teor deste pergaminho inscreve-se, assim, numa lógica de manutenção do padroado da igreja de Real (hoje Castelo de Paiva), ao que parece cedido pelo povo, em 1445, a Aires Pinto e legado aos seus descendentes, da Casa da Fervença de Cinfães, como esclarece a *Historia Eclesiástica de Lamego*²⁷.

A 15 de Janeiro de 1506, João Pinto estava em Trevões, onde se encontrou com D. João Camelo para lhe pedir a confirmação como reitor da igreja de Real. O acto ritualístico é registado e assinado por um João Soajo, escrivão da câmara, sinal da importância daquela povoação no contexto administrativo diocesano: uma das câmaras episcopais onde o prelado pousava quando em jornada pelo território.

²⁶MORAIS, Cristóvão Alão de, *op. cit.*, tomo 4.º, vol. 1.º, p.

²⁷Azevedo, Joaquim, D., *op. cit.*, p. 137.

²⁸ Cf. MARQUES, Maria Alegria - «Uma bula do século XV: pretexto e contexto». In Ribeiro, Agostinho & Braga, Alexandra (Eds.). *Pergaminhos*. [s.l.]: Instituto Português de Museus, 2002, pp. 22-14.

²⁹ A este respeito ver: RESENDE, Nuno; MOUTINHO, Luís, dir. fot.; CAETANO, Pedro, rev. - *Igreja de Trevões: identidade e legado*. [Braga]: Paróquia de Santa Marinha de Trevões, 2019. ISBN: 978-989-20-9807-4.

Trevões, povoação situada a sul do Douro, em São João da Pesqueira, próxima a Trancoso e nos antigos limites da Diocese de Lamego, estendidos por intervenção de D. Dinis, num contexto de definição de fronteiras²⁸, tornou-se um importante lugar de controlo, quer no circuito das visitas dos prelados, quer na vigilância pós-tridentina, expressa na divisão em distritos eclesiásticos²⁹.

A presença, ali, de D. João Camelo, em Janeiro de 1506, pode significar que, ao contrário de outros bispos ausentes ou centralistas, gozando fora do bispado ou na sede do mesmo, os réditos e os direitos do cargo, este prelado tentava implementar um perfil pastoral de visita pela sua diocese, tentando eventualmente corrigir os erros que lhe imputou o rei D. João II na hora da morte.

Do perfil de bispo cortesão medieval, pouco avesso aos deveres religiosos e mais aos prazeres mundanos, ao de bispo empreendedor e reformador da sua catedral e vigilante da sua diocese, a prelatura de D. João Camelo bem pode considerar-se um tempo de pré-reforma e de mudança.